

UM CASO GRAVE

que se pretende abafar escandalosamente

A imprensa costuma vir recheada de crimes repugnantes respigados dos jornais estrangeiros. Transcrevem-na sua vida clara.

Mas os crimes repugnantes que se passam ao pé da porta, intramuros da cidade, esses nem todos são atirados para a luz da vulgaridade. Ou se exageram os factos, atufando as colunas da publicidade, ou eles são completamente omitidos pelo silêncio dum favoritismo, quicá dum venalidade a dar à tarracha do enobrecimento.

Parece que estamos na presença de um desses casos.

No grande casarão que domina o rio Douro e está contíguo ao Prado do Repouso, casarão a que lhe dão o nome de Seminário ou Colégio dos Orfãos, está instalada a escola camarária n.º 5, destinada à educação de crianças internas e externas do sexo feminino.

Essa escola tem um «perfeito», Domingos Maria da Silva Ferreira—que, por sinal, nada tem sido perfeito para as menores. E' considerado «menineiro», pelo que lhe entregaram inteiramente as petisas quando em passeio.

Tão «menineiro» é ele, é, tão sabido é ele, que até violentou algumas crianças, chegando ao que o pai de duas delas nos narra, a empregar «cuidados» para maior suavidade do atentado ao pudor.

A patifaria andou encoberta por algum tempo. Mas como o diabo as tece, ela sempre se descobriu.

O pai das duas crianças que ontem nos procurou, a principio julgou que só uma das suas filhas é que tinha sido violentada.

Depois chegou a saber que uma outra também tinha sido vítima. Maior desgraça, maior desolação. Além destas duas vítimas, ainda há uma outra muda, a qual, apezar da triste impossibilidade orgânica da expressão das frases, é a mais precisa, embora pelos gestos, na explicação da monstruosidade. As outras, receosas, não negam o facto, mas também não o declaram dum modo desasombrado. Crianças, tementes, acanhadas, não é para admirar.

Como se descobriu, propositalmente o não dizem: já queremos vir até que ponto vai o silêncio da imprensa atarrachada e até que ponto vai o proteccionismo que se esta a desenvolver.

Apenas diremos que o pai das duas menores, que ocultamos o nome por aquele mesmo motivo, se foi queixar ao director do colégio—o sr. padre Guimarães. Este a principio mostrou-se solícito na descoberta do monstro, havendo interações e acareações. O «perfeito» Domingos Maria da Silva Ferreira, quando na frente das suas vítimas, conserva-se cabisbaixo, acanhado, abatido: a muda aponta-o inexoravelmente; o orfão João dos Santos é claro na sua explicação: quando, à hora do recreio, as rapariguinhas e os rapazes se juntavam, via que o dito «perfeito» se aproximava das crianças pertencentes ao indivíduo com que falamos. Fazia-lhes festas e levava-as para um sítio que indicou. Na investigação policial, João dos Santos indicou, immediata e espontaneamente, o criminoso. Mas isto foi depois do próprio sr. padre Guimarães o levar preso à sua ordem, visto que a policia, não puxando queixa formulada, não o fôra buscar ao colégio.

As crianças fôram a exame médico. Um d'elles fez um sinal, que levou o dr. J. a pronunciar uma frase de indignação contra o patife e o escrívão a dizer, pouco mais ou menos: «quando não é preciso, o povo faz justiça pelas suas próprias mãos, quando é preciso é que a não faz». Isto representa uma prova provada de que as crianças fôram violentadas...

Contudo, houve umas idas à Câmara, umas possíveis conversas, e procura-se virar o bico ao prego.

O padre Guimarães está a mudar-se, e a professora Viana e a servente Maria Rosa esforçam-se por desculpar o «perfeito», dizendo que é muito bom «rapazinho»...

Por sua vez a policia de investigação, descarta-se agora a dizer para o pai das vítimas: «Vá que não tem muito que dizer; não estão muito feridas, violentadas...», concluindo por afirmar que não estão estupidadas, mas bolidas, tocadas...

É a expressão do juízo e do escrívão? É o silêncio dos jornais que não publicaram o resultado do exame médico, a pesar de um deles, muito fugidamente, muito vagamente, ter noticiado a maroteira?

Parece evidente a manobra dos empenhos, do apadrinhamento para se encobrir o crime e abafar o castigo. Não será para isso que nas interrogações de ontem na investigação policial se estava a meter medo às crianças vítimas, assim como que a intimidar para que elas nada dissessem?

Eis o que nos comunicam. Ora isto é grave, imoral, revoltante, e porque assim é, é, que, naturalmente não podemos largar este assunto de mão.

Quer-se fôda a verdade, nada de abafar, que incite o «perfeito» referido na continuação dos seus repugnantes atentados...

C. V. S.

Feira de Algés

Organizados pela comissão dos festejos dos leirantes de Algés, realizam-se hoje, nesta feira, grandiosos festejos ao popular Santo António havendo concursos de fogos de artifício, bandas de música, queima de alcaforças, fogueiras, bailes populares e marchas «aux-flambeaux».

Espera-se que a concorrência seja grande devido não só aos inúmeros atractivos como as carreiras de electricos para Lisboa estarem asseguradas enquanto houver movimento.

A reclamação feita contra as entradas pagas foi já atendida, sendo agora as entradas gratuitas.

NA AMERICA

PRODÍGIOS DA LEI SECA

NEW-YORK, 11.—Segundo uma estatística official foram admitidos tresentos e dois homens e setenta e duas mulheres nos manicômios americanos durante o ano de 1923 sofrendo de alcoolismo.

Os jornais comparam estes números com os de 1920, primeiro ano da execução da lei seca, em que apenas foram internados cento e vinte um indivíduos.—(L.)

se aguarda de um momento para o outro. Os estudantes de Pekim convocaram para hoje uma grande manifestação contra os estrangeiros, e os académicos de Fochow declararam-se em greve. A situação mantém-se, porém, estacionária. (L.)

Congresso do Professorado Primário

Reuniu ontem, extraordinariamente, resolvendo reclamar a revogação do decreto 10.776

Na Associação dos Caixeiros, reuniu ontem, extraordinariamente, o Congresso do Professorado Primário, a fim de apreciar o decreto n.º 10.776 publicado pela pasta da instrução.

A sessão abriu pelas 11 horas, presidida por Manuel Barroso, da União do Professorado Primário, secretariado por Gomes Belo e Costa, da Federação Escolar.

O presidente abre a sessão protestando contra a publicação do decreto n.º 10.776 que diz pretender asfixiar a classe, envergonhando a dignidade nacional, dissolvendo as juntas escolares.

O decreto referido é anti-constitucional, anti-pedagógico e imoral. Anti-constitucional por quanto foi publicado em ditadura e aumenta as despesas e porque lhe falta até a assinatura dos ministros da Guerra e da Justiça. Escusado é dizer porque é que é anti-pedagógico. E a sua imoralidade resalta do simples facto de criar lugares para outros que não são professores.

Preconiza ainda uma resistência forte ao decreto. Que nos requeiem aos tribunais, que é aí, fora da alçada do regulamento disciplinar que poderemos responder activamente aos que nos querem asfixiar.

Atribuem-nos intuitos políticos. Nada de mais falso. Termina propondo que seja nomeada uma comissão composta dos professores Martins, Baptista de Almeida e Gil Mendonça que reunirá e redigirá as reclamações do Congresso a fim de as apresentar a quem de direito.

Carvalho Duarte diz que o professorado não deve ir pedir, nem mendigar coisa alguma, mas sim exigir a anulação do decreto.

Propõe, sejam considerados traidores à classe os professores que aceitem quaisquer lugares criados pelo citado decreto.

Francisco Cabrita propõe que em lugar da comissão, vá ao Parlamento todo o Congresso, e a ida de comissões às redacções dos jornais solicitar a sua colaboração para a derrogação de alguns decretos.

Acácio Gouveia informa estar presente um secretário do ministro da Instrução e pergunta se o titular daquela pasta comparecerá no Congresso.

O secretário aludido, informa o Congresso que, por motivo da ordem pública, o ministro não pode comparecer.

António Nunes Gonçalves saúda a imprensa pedindo-lhe secunde o pedido do professorado.

José Maria dos Santos requer que a comissão nomeada elabore, desde já, o relatório a entregar ao Parlamento. É rejeitado.

Venancio Silva não vem dizer se o decreto é ou não constitucional, porque não tem competência para isso. O director geral disse-lhe que o decreto criava lugares só para os professores primários, no entanto o decreto foi rectificado no Diário do Governo e depois dessa nova publicação, já mudou de opinião.

O delegado do Porto interrompe o orador, protestando contra as suas palavras. O delegado de Torres Novas secunda-o, e da assembleia partem vozes: «E' todo o país que protesta».

O presidente a custo mantém a ordem. Alvaro de Carvalho requer que se habilite a comissão, a redigir desde já, a súmula das reclamações.

O sr. António Martins, diz não saber ainda qual a opinião do Congresso. Diz que o dr. sr. João Camoesas que, sendo ministro, foi a Leiria discutir com a classe o seu ponto de vista da descentralização do ensino, e tendo visto que a totalidade da classe não comunicara nas suas opiniões, em lugar de impôr a sua vontade, acatou o sentir do professorado.

Em seguida os congressistas aprovam as seguintes propostas: Pedir a revogação pura e simples do decreto 10.776, dirigindo a representação ao ministro respectivo, e ao mesmo tempo aos presidentes das duas câmaras.

A sessão foi interrompida às 13, acabando às 15. Apresentada e aprovada a reclamação escrita, todo o Congresso se dirigiu ao Parlamento.

«A BATALHA» No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

São Luiz

Hoje, novos baillados e canções na graciosa «bluette». CHIC-CHIC em que tomam parte os cancionistas Marcel Valies, Ros; Amy e Vargas, enfim, um conjunto que se destaca e que se conjugua à beleza e harmonia da interpretação.

Teatro Nacional

HOJE

Reaparecimento da Companhia

com a deliciosa peça

de Fernanda de Castro

Náufragos

nas principais papéis os artistas:

ILJA STICHINI RAFAEL MARQUES

RIBEIRO LOPES

Ensenação de RAFAEL MARQUES

NÁUFRAGOS

é uma peça interessante

e de empolgante entreccho

ÓTIMA INTERPRETAÇÃO

A NOSSA ÉPOCA

O botequim do sr. Dantas

Um nosso amigo, acaba de receber uma carta do Brasil, em que lhe é comunicado, entre outros assuntos, a pitoresca noticia de que um conhecido humorista brasileiro, acabou de entregar num teatro de declamação uma chistosa peça em três actos, intitulada: O botequim do Sr. Dantas.

A peça é uma comédia de costumes literários, passada em Lisboa. E' seu protagonista o conceituado escritor, poeta e dramaturgo sr. Júlio Dantas.

Numa finíssima sátira, todos os personagens das peças do autor da «Ceia dos Cardeais», dão rendez-vous ao botequim, no já famoso botequim do sr. Dantas.

A Severa e Madame X descompõe-se em gozinhos de aguardeite, e D. Ramon de Capuchela, o fidalgo cobardão, passa a armar em valente, e quebra com uma garrafa, a muito nobre cabeça do cardeal italiano. Por traz dum reposteiro verde, o sr. Dantas assiste à scena, e vai contando o número dos freguezes, com receio de que os criados o roubem.

O que «morreu de amor» vem a morrer num belo final de acto, com uma congestão produzida por excessos de «cognac», caindo o pano sobre a expulsão do chefe dos criados, que, por distração, correrá para o sr. Dantas, exclamando:

—Depressa. Acuda, sr. doutor...

A que o ex-literato, autor das «rosas de todo o ano», replica, cheio de indignação: —Criados!... Expulsem este homem. Acaba de ter a audácia de me enxovalhar com a recordação do meu passado. Basta de insinuações. Eu hoje sou um honrado comerciante da nossa praça.

Numa scena de um simbolismo transcendente, um literato toma chá com uma marquesa. A certa altura levanta-se, e com passos de minuet, tem esta magnifica tirada:

—Eu tive talento, e sacrifiquei tudo ao pó de arroz da trivialidade. Isto é descer, marquesa? Eu tinha uma alma de artista, e fiz-me politico. Isto é descer, marquesa? Fui dramaturgo, arrojado dramaturgo e fiz-me negociante, sócio de uma livraria. Isto é descer, marquesa? Delivreiro passei a vender café. Seria isto descer, marquesa?

Então todos os heróis da «Pátria Portuguesa» dizem em coro:

—Não é descer é subir. E' dar um salto do século XVIII e entrar verdadeiramente na nossa época.

Este comentário é a tese da peça. E' a parte séria, a nota grave da comédia.

Por ela se constata como a nossa época devora tudo, até as inteligências que por instinto de beleza se haviam refugiado no século que assistiu aos caprichos do rei-sol.

E' a época dos mercieiros, o triunfo do balcão, a hegemonia do cofre forte, absorvendo tudo, até as sensibilibidades que como o sr. Dantas, reclamaram a sua firma na literatura.

Epoca terrível, na verdade. Quando o sr. Dantas, um dos mais felizes autores do nosso tempo, vem a acabar em proprietário dum botequim, que destina a este reservado a outros literatos, que pregam aos quatro ventos que a arte é uma grande treta e que o valor dum artista se avalia pelos seus triunfos monetários?

Naturalmente, montar uma casa de penhores... Epoca maldita, que só tem a combatê-la os rudes trabalhadores...

E. F.

Afogado no rio

Deu entrada ontem na Morgue o cadáver de um indivíduo cuja identidade se ignora que foi encontrado afogado no Tejo, próximo à Avenida da Índia.

AGREMIACÕES VARIAS

Escola e Biblioteca dos Estudos Sociais da Giestra.—A comissão de propaganda desta Escola, no intuito de dar cabal cumprimento à missão que lhe foi confiada, resolveu realizar uma sessão de propaganda libertária, na populosa freguezia de Milheiros, lugar de Aldeia Nova, no próximo domingo 14 do corrente, pelas 15 horas.

Nesta sessão farão uso da palavra vários delegados de diversos organismos operários do Porto, terminando com uma conferência, pelo militante operário Seratim C. Lucena, que versará sob o suggestivo tema: «A escola como complemento da felicidade humana».

Todos os que desejem acompanhar a bandeira desta escola bem como doutros organismos, devem comparecer no Largo de Aguias Santas à saída do carro da linha 9 às 14 horas em ponto, seguindo depois em manifestação até Milheiros.

Associação do Registo Civil.—Realiza-se no próximo domingo pelas 21,30, na sede desta colectividade, uma homenagem à memória de Boto Machado e Gonçalves Neves. A sessão será presidida pelo democrata dr. Magalhães Lima, usando da palavra os dres. srs. António Ferrão, Agostinho Fortes, Ramada Curto, Ladislau Batalha, Lino da Silva, Sá Pereira e Ferro Alves.

Liga pró-moral.—Reúne amanhã, pelas 20,30, em assembleia geral, para continuação dos trabalhos pendentes.

Associação Protectora da Infância Santo António de Lisboa.—Comemorando o 33.º aniversário da fundação deste estabelecimento de caridade e de ensino, uma comissão de subscritores promove, hoje e amanhã, várias diversões, que serão obsequiosamente abrilhantadas com o concurso de uma banda musical.

Amanhã, às 16 horas, durante a visita às dependências do edificio, realizar-se há, na esplanada do asilo, a largada de 40 pequenos balões pelas educandas, e queimar-se há, à noite, vistoso fogo de artifício.

SÃO LUIZ Empresa Ramos, Lda. e Erico Braga

HOJE em ÉXITO REGRUDESCENTE

com entusiasmo, alegria e concorrência

a travista «bluette»

CHIC CHIC em que tomam parte

os célebres cancionistas

Melle. Rose Amy

Mr. Marcel Valies e a deliciosa

bailarina gitana

Carmen Vargas

que executa baillados

cheios de colorido

A ACTUALIDADE

NO ESTRANGEIRO

NA ITALIA

Os frutos da «pacificação»

Os pasquins a sôdo das quadrilhas reaccionárias já têm tido a audácia de abençoar o sangue derramado pelo proletariado italiano, em consequência das violências criminosas praticadas pelos bandos fascistas, dizendo que ele teve por resultado a pacificação e a normalização da vida económica e financeira da Itália.

E os «camisas negras», talvez incitados por estes tenebrosos elogios à sua obra perniciosos, redobram ultimamente de violências, perseguindo e maltratando todas as pessoas honradas, que não se mostram dispostas a curvar-se respectivamente perante o aventureiro Mussolini.

Todavia, a pesar das benções que sobre elles têm lançado todos os patifes que têm qualquer privilégio a defender dentro da sociedade burguesa, desta vez os atacados têm-lhes feito corajosamente frente, e até à data já se contam onze fascistas mortos.

Isto certamente que os fará agora reflectir sobre a eficácia do terrorismo e da violência com carácter agressivo como elles a têm aplicado, sem qualquer ideia moral a apoiá-la.

NA BELGICA

O ministério demitido

O governo do católico Van de Vyvere, como o do «socialista» Vandervelde, não durou muito tempo.

Na primeira sessão foi obrigado a demitir-se, tendo sido Max, o leader dos liberais, encarregado de constituir o novo ministério.

Esta facilidade com que, com o mesmo parlamento e dentro da mesma estrutura social, se organizam indistintamente governos católicos, liberais e socialistas, comprova-nos bem que o Estado qualquer que seja a sua cor ou rótulo é simplesmente o defensor de todos os privilegiados e o opressor das massas produtoras.

DIVISÃO NAVAL COLONIAL

Cerca das catorze e meia horas, chegou ontem ao Tejo a divisão naval colonial.

O sr. ministro da marinha, acompanhado do pessoal superior do seu gabinete embarcou pelas dez horas no Arsenal para bordo do «Aviso Cinco de Outubro», seguindo depois para Belem onde recebeu a bordo o chefe do Estado c. comitiva, largando depois ao encontro da divisão naval em Cascais e esta levantou ferro desta baía às dez horas e trinta e cinco minutos em direcção a Lisboa.

Também do Arsenal seguiram vapores com as famílias dos tripulantes do cruzador «República», canhoneiras «Ibo», «Benço» e «Beira» e transporte «Gil Fanes», navios estes que compõem a referida divisão.

No Arsenal até bastante tarde estiveram muitas pessoas, esperando o desembarque dos tripulantes.

Teatro Novo

A bem cuidada interpretação que todos os artistas dão à interessante peça KNOCK, tem sido coroada de êxito, visto que todas as noites provoca aplausos e encontros consecutivos.

Malas postais

Pelo paquete «Alandra» são hoje expedidas malas postais para a Africa Austral, Cape-Town, Elisabeth e Africa Oriental, Da Caixa Geral a última tiragem de correspondências registada effectua-se 11 horas e de ordinárias a 1 hora da tarde.

OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

Na enfermaria de Santo Onofre do Hospital de São José, faleceu ontem Manuel Ruivo, de 57 anos, trabalhador, natural de Estarreja e morador no Campo Grande, 60, que ficou, no dia 10 ultimo, entalado entre uma carroça e a parede, no Campo Pequeno.

Na Morgue também deu entrada ontem, uma mulher de nome Joana, residente na vila Maria, 91, loja e que ali faleceu sem assistência.

Nacional

Reaparecem hoje neste teatro os artistas vindos da feliz «tournee» ao Porto com a peça NAUFRAGOS que teve uma bellissima interpretação, destacando-se Ilda Stichini e Rafael Marques que dão o máximo relevo aos seus papéis.

DESPORTOS

FUTEBOL

Campeonato Eborense

EVORA, 9.—Terminou no passado domingo, o campeonato eborense de futebol, tendo saído vencedores, em primeiras categorias, Juventude Sport Club, e em segundas, Sport Club União Comércio e Indústria; em terceiras, Juventude Sport Club.

O Juventude teria sido o vencedor em todas as categorias, se por falta de inscrição de um jogador, que se esqueceram de inscrever, a Federação Eborense de Sports lhe não tivesse anulado o que foi legal—dois jogos em que infringiu duas derrotas.—C.

TIVOLI

—ÁS 8,45—

NANON

(Episódios da corte de Luis XIV)

Comédia em 3 partes, com a

CONDESSA INÊS ESTHERRAZZ

É um film, feito de pitoresco e de elegância em que os costumes do reinado de Luis Sol foram desenhados com espirito e uma ponta de emulação.

Pamplinas, campeão de tiro

Cine-farça em 3 partes

Torçato em perigo

Cine comédia em 3 partes do film Bennett com HARRY LINDAU

Uma revista de actualidades

LIVROS E AUTORES

A PAISAGEM, A MULHER E O AMOR — estudo literário por José Dias Sancho

José Dias Sancho, como a sua obra justifica, é um dos mais estudiosos espiritos entre a falange dos modernos escritores. Lancando-se, por instinto e temperamento, bastante novo na carreira das letras, quando outros começam já a dar cuidados conscientes, de ideia e forma, aos seus centenas de artigos, aos seus livros onde avultam os estudos criticos.

O que em outros literatos do seu tempo é mocidade generosa, arrebatamento, emoção, no José Dias Sancho é reflexão, inteligência, estudo a frio, qualidades que, a continuarem sendo servidas dum cultura orientada, podem fazer dele um dos nossos bons criticos e ensaístas.

O seu livro agora publicado, «A Paisagem, a mulher e o amor», é, quanto a mim, a sua obra mais sinteticamente perfeita, a mais equilibrada que a sua pena produziu.

Bem entendido, tratando-se dum conferência, é obra resumida onde cada assunto não foi exposto, obra subsidiária, onde a perfeição está na síntese. Mas dentro do plano traçado acho-a com mais unidade e, sobre tudo, com mais justeza de conceitos do que os seus valiosos estudos acerca de Forjaz de Sampaio e Julio Dantas.

Neste seu livro, José Dias Sancho estuda a paisagem, a mulher e o amor, através da obra dos poetas algarvios, João Lucio, Cândido, Querreiro e Bernardo Passos. Tão interessante essa digressão através da obra dos poetas, é tão feliz o estudo, que o considero valioso e indispensável subsidio para a historia literária contemporânea. Livro dum critico, é, simultaneamente, a obra dum artista que encerra o seu trabalho com esta sentença lapidária: De todas as manifestações humanas, a mais divina, a única verdadeiramente imortal, aquela que resiste aos diâos, ao esquecimento, ao tempo — é a arte.

A edição, elegante, é da livraria Aillaud e Bertrand.

TAGARELICES — por Mercedes Blasco

Mais um livro de Mercedes Blasco, com o titulo bem suggestivo e feminino de «Tagarelices».

Livro de crónicas e impressões, é graciosa «reportagem» através da vida, em que a autora nos fala de politicos, de casos de rua, da boemia do «Café», de poetas e escritores, de gente de teatro, enfim dos tantos casos e pessoas que os seus olhos maliciosos têm focado com intencional observação, e que a sua pena tem animado com um estouvado comentário.

«Quem viveu a vida como» mulher e artista, nas condições em que Mercedes Blasco a viveu, ora entontecendo-se nas perturbadoras alegrias, ora esvasiando, até à última gota, o cálix da amargura, tem sempre motivos para encher de interesse as páginas dos seus livros. Basta-lhe olhar para traz e aninhar, no intimo da sua alma, as saudades e as ilusões que tombaram pelo caminho; basta remexer nas cinzas onde tudo se extinguiu, menos a doce volúpia do recordar.

O livro de Mercedes Blasco, felizmente, não é uma obra genial. Suponho que a escritora não aspira a entrar na academia. Mas é uma obra simpática, onde perpassa o sonho, a melancolia, a saudade, todos esses sentimentos natos numa alma de mulher, de mais a mais artista. Apenas o livro peca por alguns exageros—Mercedes Blasco é uma senhora algo exagerada, não só na exaltação de factos, como na de algumas pessoas em quem a sua gentileza descobre qualidades. Dêsse exagero, por exemplo, é prova a «amável referência que faz do meu nome nesta sua obra, o que, a pesar de tudo, não posso deixar de agradecer».

A edição, muito cuidada, é da livraria Aillaud e Bertrand.

LEGENAS DA TARDE.—Versos por Manuel Morais

Manuel Morais, autor deste livro—«Legenas da Tarde»—se não é um poeta novo, estreato, parece. Pelo menos é a primeira vez que ouço este nome.

Todavia, através de algumas indecisões e duma técnica por vezes antiquada, notam-se excelentes qualidades de versificador.

A paisagem, o bucolismo, é a sua principal tentação, comprazendo-se o seu espirito contemplativo nos poentes, nas horas crepusculares, onde a sua inspiração toma vulto.

Mesmo os seus versos a que chamou de saudade e melancolia, têm, sempre, como principal motivo a paisagem de que o poeta soube tirar belas notas de cor.

A edição, apresentável, da Companhia Portuguesa Editora, do Porto.

Recebemos um curioso livro de contos para crianças intitulado «Gato Borracheira», da colecção do editor João Romano Torres, dirigido pelo sr. Henrique Marques Junior. Edição ilustrada conforme ao fim que visa e bem apresentada.

JULIANO QUINTINHA

UM POLICIA-MERCEIRO

Na noticia publicada no passado domingo com o titulo que nos serve de epigrafe, por deficiências de informação dissemos que a mercearia onde se vendeu o bacalhau pôde pertence a um tal Joaquim, policia ao serviço de fiscalização. A bem da verdade, devemos rectificar que o autentico proprietário é um parente do visado.

Diversões populares

E' hoje que se realiza na Praça da Figueira, a festa de Santo António, promovida pela jornal Diário de Noticias, em beneficio do Asilo de Cegos António Feliciano Castilho. A Praça da Figueira abrirá ao publico às 20 horas, podendo os bilhetes ser adquiridos nos «guichets» do mercado, pelo preço de 1\$00.

Nas noites de São João e São Pedro repetir-se-há a festa com o mesmo fim beneficente.

NOTÍCIAS

E' com «Náufragos» o empolgante drama de Fernanda de Castro, que Lisboa mal teve o tempo de conhecer e apreciar, antes da abalada da companhia para o Porto de onde ontem voltou cheia de prestigio, que esta noite reabre o teatro Nacional, tendo bastado os simples e breves anuncios hontem feitos para que muita gente da nossa melhor sociedade elegante, intelectual e artistica, tivesse accorrido à bilheteira daquele teatro a marcar lugar para estas primeiras representações.

11-6-1925
OS MISTÉRIOS DO POVO
N.º 449
Mylio, (interrompendo Simão e dirigindo-se ao abade).—Ah! sicofante, tu já tomaste as tuas precauções contra a narrativa da aventura nocturna do mocho de Chailote e doutras provas da tua lubricidade, dom ribaldo!
Alice de Montmorency levanta as mãos e os olhos para o céu, Simão lança um olhar terrível sobre Mylio.
Pele de Ganso, (em voz baixa ao Trovador).—O olhar deste espectro gela-me até à medula dos ossos... Estamos perdidos!
Montfort, (a Mylio com voz irritada).— Cala-te, blasfemador... aliás mando-te arrancar a língua.
O Abade Reynier, (a Montfort com devoção).— Meu querido irmão, desprezemos estes ultrajes, o infeliz está possesso, ai de mim! não sabe o que faz, o demónio fala pela boca dele.
Mylio, (impetuosamente ao abade).— Pois quê! tu não te introduziste uma noite no cerrado do mocho de Chailote? a tua alcoviteira habitual, que devia entregar-te Florette sua sobrinha, uma criança de quinze anos... Ora se não fôsse eu e Pele de Ganso que está presente, éle que o diga, tu...
Pele de Ganso, (a tremor, interrompe Mylio, lança-se aos pés de Montfort, e exclama, com as mãos postas).— Ilustre e caritativo senhor, não me lembro de nada... Estou perturbado, estou fascinado, deslembrado...; o passado confunde-se no meu cérebro... Tudo quanto me lembra, é que eu era um porco, um animal imundo. Ah! a culpa não é minha; porque é necessário dizê-lo, temível sustentáculo da Igreja, eu nunca recebi na idade em que estous, as águas do baptismo... Ai de mim! não. Mas ainda há pouco, ao contemplar a sua augusta face pareceu-me ver resplandecer em torno da sua sagrada pessoa uma espécie de auréola; um daqueles divinos raios penetrando em mim de repente, fez-me uma sede insaciável da fonte celeste, e fez-me desejar o baptismo, que me purificaria de máculas abomináveis e das impurezas a que estava sujeito... Ah! piedoso senhor! o senhor

e a sua piedosa esposa, dignem-se servir-me de padrinhos; consintam em levar-me à pia do baptismo... Dever-lhes-hei a salvação da minha alma, e jámais se terá visto tão fervoroso católico como este seu afilhado... Sim, serei o exemplo dos fiéis.
Montfort, (em voz baixa ao abade Reynier com ar de dúvida).— Hum!... este gordo malvado parece-me muito depressa tocado da divina graça... Entretanto pode ser que seja sincero no que diz.
Alice de Montmorency. — Muitas vezes o Senhor apaz-lhe retardar os efeitos da sua graça afim de torná-la mais resplandecente.
O abade Reynier, (em voz baixa). — Queima-lo como aos outros!
Alice de Montmorency. — Mas, meu padre, se ele for sincero?
O abade Reynier, (em voz baixa). — Razão de mais... Se é sincero, as chamas da fogueira serão, aos olhos do Senhor, uma agradável expiação do abominável passado deste novo convertido; se nos engana, a fogueira será a justa punição da sua mentira sacrilega.
Montfort e sua mulher admirados do duplo argumento do frade, trocam entre si um olhar aprovador.
Montfort. — Levanta-te! Deus saberá se a tua conversão é sincera.
Pele de Ganso, (à parte). — Bom, bom, a coisa já não passa de ser negócio entre mim e Deus... Cá nos arranjaremos ambos!
Montfort, (a Mylio). — Tu tens um irmão pastor desses herejes endiabrados, e que gosa de grande influência na cidade de Lavour?
Mylio, (com altivez). — Todos os habitantes dariam sua vida para salvar a dele.
Montfort. — Permite-te que regressem a Lavour; tu dirás aos seus habitantes o seguinte: «Abjurem a heresia, entrem no grémio da santa Igreja católica, entreguem a Montfort, sem condições, a senhora de Lavour, seu filho, os consules da cidade, e cem habitantes dos mais notáveis, abandonem os seus bens

aos soldados de Cristo, e terão a vida salva, aliás, amanhã, ao romper do dia, o sinal do ataque será indicado aos cruzados por meio das chamas da fogueira de Karvel o Perfeito.»
Mylio, (com estupefacção). — Meu irmão!
Montfort. — Está aqui prisioneiro... Vê-lo-hás com os teus próprios olhos.
Mylio, (consternado). — Meu irmão!... prisioneiro!...
Pele de Ganso, (diz em voz baixa a Mylio). — Imita o meu exemplo!... abjura... e pede o baptismo...
Mylio a Montfort, (com voz comovida). — Dizes que meu irmão é teu prisioneiro?... Armas-me sem dúvida uma cilada; mas, ainda que ele estivesse ali, na minha presença, carregado de prisões, Karvel, me amaldiçoaria se eu aceitasse o teu oferecimento, seria assaz infame se te promettesse exortar os habitantes de Lavour, a submeter-se à tua Igreja odiada!
De repente ouve-se a voz sonora e suave do médico que, fechado no quarto próximo, ouviu as palavras de Mylio, e exclamou:
— Bem! muito bem! meu nobre irmão!
Mylio, (estremecendo). — E' a voz de Karvel!... Ele está ali!... O trovador quer ir ter com o irmão, mas Lambert de Limoux e Hugo de Lascy, lançam-se sobre Mylio e detêm-no. Montfort volta-se para um dos escudeiros postado na porta do quarto próximo e diz:
— Deixa entrar o outro hereje.
Pouco depois Karvel o Perfeito avança para seu irmão com um sorriso de ternura inefável, depois dirigindo-se a Montfort mostrando-lhe os cavaleiros que contém Mylio:
— Que! a violência contra um inimigo desarmado?... Vamos, Montfort, tu que és um soldado, tu que dizes saber o que é coragem... manda pôr termo a esta indignidade.
A um sinal do conde, os cavaleiros deixam Mylio em liberdade; os dois irmãos lançam-se nos braços um do outro e ficam abraçados durante alguns instantes.

Karvel instrue seu irmão do motivo generoso que o conduziu ao acampamento dos cruzados! Hugo de Lascy aproxima-se de Montfort e diz-lhe:
— Senhor, o dia está a romper, tudo está pronto para o ataque de Lavour... Que ordens são as suas?...
Montfort. — Que ao levantar do sol dêem o sinal do ataque... Ainda muito fraco para montar a cavalo, irei de liteira para animar os sitiados. Enquanto a estes três herejes, o seu suplicio será o sinal do começo do assalto...; manda preparar a fogueira.
Pele de Ganso, (estupefacto). — Como! estes três herejes! só pelo diabo! eu abjurei! abjurei!
Karvel a Montfort. — Então conde, vamos morrer!... obrigado pelo que me diz respeito!...
Mylio a Montfort. — Obrigado pela morte...; co-barde, traidor...; cavaleiro sem palavra e sem fé!
O conde ao ouvir esta censura abaixa a cabeça, o seu coração de soldado cruelmente se aflixe ouvindo esta justa acusação de traição. O abade Reynier, vendo a perturbação de Simão, exclama com voz trovejante:
— A fé, pois estes miseráveis atrevem-se a falar da fé! e a ti, Montfort, comover-te-iam censuras de semelhantes loucos? Esquecer-te-hão acaso estas palavras sagradas do nosso santo padre Inocência III: Ninguem é obrigado a fé com aqueles a quem lhes falta fé para com Deus. Julgar-te-ias pois comprometido com este malvado que pela pestilência heresia das suas palavras, perde milhares de almas? Queres então que, pela tua criminosa fraqueza, ele viva para continuar a votar um cem número de desgraçados às chamas eternas? Sentes-te capaz de tomar perante Deus essa terrível responsabilidade?
Montfort, (assustado). — Oh! nunca, meu padre, nunca!
O Abade Reynier. — Então, levanta a cabeça! intrépido soldado da fé católica! o céu fará cair Lavour em nosso poder. Vem, vem santamente preparar-te para este novo triunfo, recebendo das minhas mãos

MARCO POSTAL
Sabão. — J. R. V. — Suplemento fica pago até 31 de Março.
Mesas. — Agente. — Recebido 91\$20 da liquidação de Abril.
Ferreiros. — J. L. — Não temos o «Manual do Pintor».

Agenda de A BATALHA

CALENDÁRIO DE JUNHO

Q.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
Q.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31

MARES DE HOJE
Praiamar às 7,00 e às 7,36
Baixamar às 0,07 e às 0,36

ESPECTÁCULOS

TEATROS
«11 Calles» — A's 21 — «Maquias».
«Teatro» — A's 21 — «Náufrago».
«Teatro» — A's 21 — «Chic-Chic, Variedades por Rose Amy e Marcel Vallée».
«Teatro» — A's 21 — «O mundo é assim» — Os autores dos meus dias.
«Teatro» — A's 21 — «A Severa».
«Teatro» — A's 21 — «Knock ou A vitória da Medicina».
«Teatro» — A's 21 — «Ratapan».
«Teatro» — A's 21 — «Lírios e A Cidade».
«Teatro» — A's 21 — «Variedades».
«Teatro» — A's 21 — «Animatográfico».
«Teatro» — A's 21 — «Concursos e divertimentos».

CINEMAS
«Olimpia» — Chado Terrace — Sálao Central — Cinema.
«Cine» — Sálao Ideal — Sálao Lisboa — Sociedade Fr.
«Cine» — Educação Popular — Cine Paris — Cine Es.
«Cine» — Chantier — Tivoli — Tortoise.

Pedras para isqueiros
METAL «AUER», as melhores do mundo. Um milheiro, 2\$00. Por queros, grandes descontos. Isqueiros AUSTRIA E PORTUGAL, tubo largo, boa niquelagem, d'água 2\$00. Tubos fechados e abertos, lampões, buchas, moles, rodas ócas e micas. Pedidos ao único representante em Portugal: E. ESPINOSA, FILHO, Rua Andrade, 16, 2.ª — LISBOA.

Pedras para isqueiros
aos queros, aos milheiros e aos centos. Tubos, rodas, picas, fundos e moles de aço, tudo que é preciso para fazer isqueiros. Venda em grandes quantidades aos melhores preços para revenda.

A melhor pedra para isqueiros
(Qualidade garantida)
DÚZIA \$50
Pedras a CARLOS A. SANTOS
Rua do Arsenal, n.º 81 — LISBOA

LIMAS NACIONAIS
Só a grande falta de propaganda tem dado lugar a que ainda hoje se consumam em Portugal as limas estrangeiras, visto que as limas marca «Touro» da Empresa de Limas União Tômé Pereira, Lda., são em preço e qualidade com as melhores limas do Mundo! Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens de país.

Conhece o vosso país
TODOS DEVEM possuir o magnífico «Mapa de Portugal e Guia de Automóveis», o mais completo em cidades, vilas, aldeias, rios, montes, etc. Preço Esc. 2\$50, pelo correio Esc. 3\$00. Pedidos à Livraria Popular de Francisco Franco — 36, T. S. Domingos, 34.

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO
SÓ COM O LUCRO DE 10%
SAPAARIA SOCIAL OPERARIA
Sapatos para senhora... 3\$00
Sapatos para senhorita... 2\$50
Botas pretas (grande salto)... 4\$00
Botas brancas (grande salto)... 3\$50
Grande salto de botas pretas... 4\$50
Botas de couro para homem... 4\$00

DR. ARMANDO NARCISO
Médico do Hospital de Santa Maria
CLÍNICA MÉDICA
Consultório: Travessa Nova de S. Domingos, 9 (à Rua do Amparo)
Residência: Rua Nogueira e Sousa, 17 (ao Lício Cordeiro)

“ASFALTO”
O melhor para evitar a humidade das paredes e muito especial para celeiros.
JOSE AUGUSTO ALVES
16, R. VITORINO DAMAZIO, 18

Esmaltes belgas “Le Tigre”
Secam numa hora. São os mais baratos e de melhor qualidade. Depósito por atacado: Sociedade de Produtos Químicos, Limitada, Campo das Cebolas, 43, 1.ª — LISBOA.

Valério, Lopes & Ferreira, L.ª
FERRAGENS E FERRAMENTAS
Metais, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fundos para cadeiras, — guarnições para móveis —
Chapa ferro preta e zincada
Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.
84, R. DO AMPARO, 86 — LISBOA — TELEFONE 3930, N.º 1, gramas, FERRAGENS

SABONETES JACOBUS
Os mais finos e perfumados, preferidos por todas as senhoras «chics». Vendem-se nas melhores drogarias e perfumarias. Depósito por atacado: SOCIEDADE DE PRODUTOS QUÍMICOS, LIMITADA, CAMPO DAS CEBOLAS, 43, 1.ª — LISBOA

28
Rua do Amparo, 28 — LISBOA
A sapataria mais econômica de Lisboa
Telefone C. 3541

Menstruação
Aparece rapidamente tomando o FERREOL
Não prejudica a saúde. Caixa 1\$500.
Envia-se pelo correio à cobrança.
R. da Escola Politécnica 16 e 18 LISBOA

Anilinas Jacobus
As melhores para tingir em casa toda a qualidade — de tecidos —
Cores garantidas — Vendem-se em toda a parte

CALÇADO BARATO
SÓ VENDE O CANDEIAS
Intendente

Calçado Homem	Calçado Senhora
Botas de vitela branca... 5\$50	Sapatos calf. 1.ª... 4\$50
Botas de vitela branca de 1.ª... 4\$50	Sapatos calf. ex. 1.ª... 5\$00
Botas calf. preto de 1.ª... 3\$50	Sapatos verniz... 7\$00
Botas calf. preto de 2.ª... 3\$00	Sapatos verniz salto de moda... 7\$50
Botas calf. preto de 3.ª... 2\$50	Sapatos verniz salto sola... 6\$00
Botas calf. preto de 4.ª... 2\$00	Sapatos calf. modelo sandália... 6\$50
Botas calf. preto de 5.ª... 1\$50	Sapatos verniz modelo sand. 2.ª... 7\$00
Sapatos calf. canções camufla... 9\$00	Sapatos verniz salto raso... 7\$00

Completo sortimento em calçado modulado marca «Chic». Botas verniz canções fantasia. Botas pelica preto ou cor, tanto em forma americana como forma da moda.

BOM E BARATO!!!
Feito de fatos, com bons forros e esmerado acabamento, a 20\$00. Aos operários sindicados 10% de desconto.
Manuel Justino de Oliveira
Rua de Campolide, 61 (Última paragem do eléctrico)

PEDRAS PARA ISQUEIROS
Metal Auer, assim como rodas ócas e micas, tubos, moles, chaminés de 2 e 3 peças, lampões. Vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 55 e quinqueto. Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata e caso que forneça em melhores condições.

MADEIRAS
Nacionais e estrangeiras, de cor, para marcenários, serradas em todas as grossuras.
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
Sabino da Silva
Largo dos Inglesinhos, 50 — LISBOA

FABRICA
de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C.ª
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

REUMATISMO
Sifilítico, Blenorragico, Gotoso, Articular, Artrítico, Muscular
“Reumatina”
24 horas depois não tem mais dor
“Reumatina”
E' inofensiva porque não exige dieta
Preço 8\$00
“Reumatina”
Vende-se em todas as boas — farmácias e drogarias —
Pó Anti-blenorrágico
E' o mais poderoso combatente das blenorragias crônicas e recentes. Resultados imediatos e comprovados pelo distinto médico opera dr. sr. Cristiano de Moraes;
Caixa 10\$00
Depósito Geral:
A. Costa Coelho
Bomjardim, 440 — PORTO

MONTADORES ELECTRICISTAS
Precisam-se que visitem a casa MEDIELOS, SEIO & ROED, LIMITADA
Rua Renato Baptista, 43 LISBOA

A PRESTAÇÕES
Fatos e Sobretudos no rigor da moda — 2.ª
RUA DA ESCOLA POLITECNICA, 35, 2.ª

Caminhos de Ferro do Estado
Concurso para a adjudicação da empreitada n.º 4 de terraplanagens e obras de arte entre os perfis 980 a 1045 e 1078 a 1085
ANUNCIO
Pelo presente anúncio se faz público que no dia 25 de Junho de 1925, pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua sede, rua de São Mamede, 63, ao Caldas, Lisboa, se há de proceder a concurso público para a adjudicação da empreitada n.º 4 de terraplanagens e obras de arte do 2.º Lanço do Ramal de Sinés variante entre os perfis 980 e 1146.
Para ser admitido à licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até às 15 horas do último dia útil anterior ao do concurso o depósito provisório de 12.368\$90.
As propostas devem ser feitas em papel selado ou com um selo de 1\$50 devidamente inutilizado. A base de licitação é de 494.755\$47.
Lisboa, 30 de Maio de 1925.
O Engenheiro Chefe do Serviço de Estudos e Construção. — (a) C. Carvalho.

o corpo do Salvador pela glória de quem tu combates.
Montfort, (com uma fanática exaltação). — A's armas, cavaleiros!... ao assalto!... Deus está connosco... Ao entrar em Lavour nada de comiserção! matem tudo! como em Beziers, Deus reconhecerá os que lhe pertencem (Designando em seguida os prisioneiros). Que amarrem esses três homens; guardá-los hão em lugar seguro até ao momento do seu suplicio!
Pele de Ganso, (alucinado de terror lança-se aos pés de Montfort e agarrando-se-lhe ao fato). — Meu generoso padrinho! tu prometeste levar-me à pia baptismal quero daqui ávante viver como católico. Com mil demónios! não há religião melhor! Creio na Igreja, creio em todos os seus santos passados, presentes e futuros, creio nos milagres os mais extraordinários; creio finalmente em tudo quanto quizeres!
Montfort, (voltando-se para o abade Reynier). — Sempre é certo o que dizia, este miserável cede ao medo e não a fé.
O Abade Reynier, (a Pele de Ganso). — Se a tua fé é sincera, a fogueira te purificará das manchas passadas. Mas se tu finges uma conversão sacrilega, as chamas eternas serão o teu justo castigo. Portanto, serás queimado como os outros.
Pele de Ganso, (levanta-se furioso). — Oh! bode de luxúria, porco de imundície, tigre de crueldade! tu vingas-te daquela noite em que foste ao mocho de Chailote para violentar Florette, e que eu te subjuguiei para impedir que cometesses nova infâmia!
Os escudeiros do conde lançam-se sobre Pele de Ganso e o amarram, bem como a Karvel e a Mylio, que não opõem nenhuma resistência. De repente os clarins soam e ouve-se ao longe um tumulto guerreiro. Hugo de Lascy entra e diz ao conde:
— Senhor, é dia, tudo está pronto para o ataque de Lavour, a sua liteira o espera.
Montfort. — Marchemos, Deus combate por nós!
Alice de Montmorency, (de joelhos). — Vai, meu nobre esposo, ficarei de joelhos neste lugar até ao fim

da batalha, orando pelo triunfo das tuas armas e pela salvação das pobres almas dos herejes de Lavour.
Reynier, (a Montfort). — Vem, valoroso soldado de Cristo! vem receber das minhas mãos a santa comunhão!
Montfort sai encostado ao braço do frade e seguido dos seus escudeiros, enquanto Alice de Montmorency ora com fervor.
Mylio, (lançando sobre Pele de Ganso um olhar pesaroso). — Ah! foi a sua amizade por mim o que o trouxe a este país!
Karvel, (pensativo, contemplando Alice de Montmorency que murmura as suas orações). — Pobre criatura insensata! o seu coração permaneceu bom, ela implora o céu pelas vítimas contra quem acaba de excitar a ferocidade de Montfort! O Cristo! e os sacerdotes de Roma dizem-se seus discípulos!
A cidade e o castelo de Lavour, depois de uma heroica defesa, entregaram-se aos cruzados; os consules estipularam que os habitantes teriam a vida salva; mas, como segundo o papa Inocência III, ninguém é obrigado a guardar fé aqueles que não tem fé em Deus, quasi todos os prisioneiros, contra o disposto na capitulação, foram degolados; os que sobreviveram estão reservados a diversos suplicios.
Decorreu uma noite depois da entrega de Lavour. Há muito tempo que o sol nasceu radiante em céu azulado. De repente o sino dum igreja próxima soa vagarosamente um toque fúnebre; abre-se imediatamente a portinhola que dá acesso para a varanda de pedra, onde estão cadeiras dispostas de antemão: assentam-se ali alternativamente: os arcebispos de Lyão e de Rennes, os bispos de Poitiers, de Bourges, de Nantes e outros prelados, com as suas vestes sacerdotais; Karvel e Alice Montmorency seguem-se depois acompanhados do legado do papa e do abade de Reynier, tomam lugar na primeira fileira da tribuna que domina a esplanada, onde se vêem entrar, a um sinal de Montfort muitos homens de armas; alinham-

-se ao pé das muralhas e são seguidos de uns cinquenta sacerdotes e frades com cruz de prata alçada, estandartes pretos, e que cantam em alta voz no seu fúnebre ritmo.
O carrasco, (acocorado diante da fôrnalha, dirige-se a um sargento). — Tenho os ferros prontos, vai buscar esses filhos de Satanaz.
O sargento dirige-se para a abóbada, empurra a porta; ela abre-se e dá passagem a vinte e oito homens e quinze mulheres, de diferentes idades e de todas as condições. Estes prisioneiros podem andar a passos miudos, pôsto que as suas pernas estejam ligadas. Têm as mãos atadas atrás das costas e param na distância de alguns passos da tribuna de pedra.
O abade Reynier, (com voz ameaçadora). — Herejes de Lavour! pela última vez querem ou não abjurar? querem reconhecer a infalível e divina autoridade da santa Igreja católica e apostólica romana?
Um velho, (ao abade Reynier). — Meu filho morreu defendendo a cidade; as ruínas da minha casa incendiada depois do saque ainda estão fumegantes; estou com os pés na cova, não tenho nada de meu; mas olha, frade, devesse eu viver ainda tanto quanto tenho vivido, estivesse ainda hoje rico, tivesse junto de mim meu filho, o filho querido da minha velhice, que éle e eu te diríamos: A morte, mil vezes a morte antes do que abraçar a tua infame religião.
Os prisioneiros, (entre os quais se encontra Florette, ajoelham gritando). — Comiserção para com a nossa boa senhora de Lavour e com seu filho! graça! misericórdia!
Só Florette é que fica em pé; a jovem mulher de Mylio, pálida, livida, não ouve nada, não vê nada do que se passa em redor dela; tem o pensamento com o esposo, que se separou dela poucos dias depois do seu casamento para tomar parte na guerra; Florette julgava morto. Não tendo ajeitado como os outros prisioneiros, chama d'este modo a atenção do abade Reynier; éle reconhece-a, estremece e diz consigo — A sobrinha de Chailote. Ah! Mylio, hei de vingar-me!

O velho, (a Alice de Montmorency que, pálida e de olhos baixos, resa devotamente o rosário). — Senhora, em nome de sua mãe, comiserção para com a nossa boa senhora de Lavour!
Alice de Montmorency, (impassível). — Se ela não abjura a sua heresia, deve perecer...
O abade Reynier, (com voz trovejante). — Herejes endurecidos, a Igreja entrega-os ao braço secular, que o suplicio incute aos seus iguais um terror salutar.
O preboste do exercito, (ao rei dos ribaldos). — Faz o teu officio. Tu deixarás um olho a esse velho que falou pelos outros, éle servirá de guia ao bando.
O algoz e a sua gente agarram ao acaso um dos prisioneiros, é um mancebo, amarram-no no assento do cadafalso, enquanto o carrasco corre ao seu rescaldo.
O hereje, (aos ajudantes do carrasco). — Que vão fazer-me? Tenham dó de mim!
Um ajudante. — Vamos tirar-te os olhos, pagão! e também aos teus companheiros!
O hereje, (assustado). — Oh! a morte!... por piedade, antes a morte do que essa tortura! (Procura de balde quebrar as prisões e estorce-se convulsivamente gritando: A mim, meus irmãos, socorro! querem tirar-nos os olhos a todos nós!)
Os prisioneiros (voltando-se para Montfort). — Este suplicio é horrível! manda-nos antes queimar, degolar ou enforcar! Piedade!
Montfort, (com voz cavernosa). — Não há piedade! A alma cega de vocês todos é inacessível à luz divina, os olhos do corpo fechar-se-lhes hão portanto a luz do dia.
Um hereje (de quem os dentes batem uns nos outros de terror). — Senhor, eu e muitos dos meus companheiros abjuramos. Piedade... piedade.
O abade Reynier. — E' demasiado tarde, o n.º é não a fé dita as tuas palavras.
O jovem hereje, amarrado no cadafalso, é vigorosamente contido pelos dois ajudantes do algoz; este aproxima-se do padecente, que solta gritos horríveis e



A política alemã

O confusãoismo lançado no espírito das massas pelos partidos conservadores e avançados abriu caminho à reacção nacionalista

Não é fácil dar uma notícia exacta sobre a actual situação política da Alemanha. Ela é tão vaga e indefinida que ninguém pode dizer qual será o caminho do ulterior desenvolvimento político. Julgava muita gente que as últimas eleições trariam uma solução clara e abririam um certo caminho à política do governo e às suas relações com o estrangeiro.

Mas esta esperança desfez-se, infelizmente; os resultados das últimas eleições agravaram a crise no interior. Até agora tem sido impossível criar um governo que se apoie na maioria do Reichstag.

Os partidos da esquerda contaram com certa com a desastrosa derrota eleitoral dos nacionalistas. O partido nacional, ou o partido da reacção, agrupa em seu seio todos os elementos conservadores e monárquicos e sobretudo os «junker» prussianos e grandes proprietários rurais.

Os chefes parlamentares do partido nacional alemão comprometeram-se gravemente nas últimas sessões no Reichstag. Este mesmo partido, que na aparência conduzia uma campanha veemente contra o plano Dawes, chamando traidores aqueles que tinham votado este acordo, mudou, antes da votação, radicalmente de tática.

Metade dos seus representantes no Reichstag votaram favoravelmente ao acordo, e a outra metade contra. Sómente, deste modo, foi possível ao velho governo obter uma maioria parlamentar.

A causa desta mudança foi das mais ignóbeis. Os chefes do partido faziam negociações às escondidas dos seus membros com os partidos governamentais e, depois de terem recebido a promessa de obter três ou quatro pastas ministeriais, vendiam ao governo metade dos seus votos. Assim os grandes patriotas alemães venderam a sua dignidade política e as suas convicções por qualquer lugarzinho no ministério, depois que a sua imprensa atacou, aparentemente, com raiva os «traidores», que vendiam a Alemanha aos aliados.

E porque contavam que os nacionalistas alemães sofreriam uma derrota espantosa nas eleições, e que os partidos ditos republicanos leriam uma vitória completa. Mas o resultado foi um outro. Os nacionalistas alemães mantiveram não só a sua antiga posição no parlamento, mas ganharam ainda alguns lugares. E porque a situação actual é idêntica à anterior, e sob certos pontos de vista, muito pior. Se o partido popular, que é o da grande indústria na Alemanha, estivesse de acordo para criar uma coligação governamental com a antiga, isso seria uma solução, mas este partido não quer que os nacionalistas alemães façam parte desse governo, ainda que a crise política se agrave.

O partido popular alemão é também monárquico, mas os seus chefes são de opinião, que agora a questão «monarquia ou república» não deve ser ainda apresentada, porque o tempo para uma nova monarquia ainda não chegou.

Como partidos republicanos propriamente ditos não há senão os social-democratas e os democráticos.

Ainda que o partido católico, o do centro se aproxime também da república, a maior parte dos seus membros, são capazes num momento crítico, de vender as suas convicções e a república, desde que isso lhes dê proveito.

O número dos votos republicanos tinha aumentado durante as últimas eleições. Mas os partidos estão espantosamente aniquilados.

Os 30 mandatos que os socialistas ganharam não têm nenhum valor, porque há partidos muito pequenos dos quais dependeu a solução durante as últimas eleições.

Vinte e seis partidos estavam em luta. Quasi metade não obtiveram senão um representante. A maior parte destes pequenos partidos, que conseguiram alcançar alguma cadeira no Reichstag não tem uma linha definida de conduta. A-pesar-disto não se pode estar satisfeito, porque são eles, que têm a solução nas mãos da estranha constelação parlamentar actual. Os que foram vencidos durante as últimas eleições foram os partidos extremistas da direita e da esquerda. Os «folkische» ou «socialistas nacionalistas» que se agrupam à volta de Ludendorff e do seu bando militar e anti-semita sofreram uma grande derrota, e em diversas localidades perderam quasi dois terços dos seus votos. Este partido era apenas um produto artificial cultivado pelo dinheiro dos grandes capitalistas, que queriam fazer dele um instrumento contra o movimento operário.

Enquanto o fascismo só foi dirigido contra os operários, os reis da indústria alemã estiveram tranquilos, mas logo que Ludendorff e os seus seguidores quiseram fazer a sua política, recusaram-lhes a subvenção material.

Os comunistas, que agem exclusivamente segundo as ordens de Moscúvia, não podem, por esta razão, ganhar uma grande influência, porque é impossível, que um partido seja o instrumento para a política externa dum estado pacífico. Isto é possível durante algum tempo, mas não para sempre. Durante o período da inflação, quando as massas estavam desesperadas, muitas pessoas votaram nos comunistas. Mas o entusiasmo pelos «comunistas» foi apenas um fogo de palha, que em breve se dissipou. O facto que o partido comunista perdeu mais dum milhão dos seus eleitores significa, que uma fraseologia radical não é suficiente para manter um partido.

Durante os últimos 18 meses, os comunistas empregaram todos os meios para obter um sucesso decisivo. Os seus chefes sonharam uma aliança com os «folkische». Durante a invasão do Ruhr juntamente com os piores reaccionários nacionalistas e com o conde Reventlow, os piores reaccionários da Alemanha, escreveram artigos na «Rote Fahne» (A «Bandeira Vermelha», órgão oficial do partido comunista alemão) para criar uma plataforma comum entre os nacionalistas e os comunistas.

Ruth Fischer, «leader» radical do partido utilizou-se das armas do antissemitismo para ganhar a simpatia dos estudantes nacionalistas; mas todos estes meios foram em vão. Não impediram que a influência do partido se tornasse cada vez mais fraca. Se não fosse a subvenção de Moscúvia, o par-

tido ter-se-ia reduzido a um punhado de sectários ou do partido chamado dos «Independentes».

Durante as últimas eleições os comunistas concentraram todas as suas forças contra a social-democracia. Esqueceram completamente que na Alemanha também existem capitalistas, nacionalistas alemães e militaristas.

O modo como os comunistas combateram a social-democracia era algumas vezes tão grotesco, que não se pode compreender como indivíduos possuidores dum só razão pudessem servir-se de tais meios. E eis um exemplo:

Há algumas semanas teve lugar no Hannover o processo do assassino Haarmann, que matou mais de vinte e cinco pessoas. Isto não tinha relação alguma com a política. Todavia, durante as eleições, os comunistas lançaram um manifesto no qual se podia ler: «Se estais de acordo com Haarmann, votai na lista dos social-democratas!»

Esta tática era tão ignóbil que apenas podia servir para afastar as massas, e não há dúvida que centenas de milhares de eleitores que da outra vez votaram nos comunistas, votaram desta nos social-democratas. Enquanto a situação política é assim tão vaga, a situação económica continua sempre muito crítica, apesar do marco se ter estabelecido e o terrível tempo da inflação ter passado.

Neste período, os operários alemães perderam não só a jornada de 8 horas, mas a sua situação é hoje muito pior.

O salário é tão baixo, que corresponde apenas ao suficiente para manter a vida. O operário metalúrgico inglês ganhava antes da guerra 20 por cento mais do que um operário metalúrgico alemão. Hoje ganha o dobro. O pedreiro alemão ganha hoje a quarta parte do pedreiro inglês. E este estado de coisas reina na maior parte das indústrias. E a isto é preciso acrescentar a espantosa desocupação.

E' verdade que esta falta de trabalho foi um pouco diminuída nestes últimos dois meses, mas há ainda milhares de operários já de há muito tempo sem trabalho.

Do mesmo tempo, os grandes proprietários rurais querem introduzir um sistema «da alfanega de defesa» para lançar impostos sobre os artigos de exportação, a fim de poder aumentar os preços no interior do país. Ameaçam o governo de boicotar por meio dos camponeses as cidades. Literatura, teatro, arte, são hoje artigos de luxo para as massas alemãs. Os prazeres espirituais não são acessíveis às massas dos trabalhadores, porque os seus salários são tão baixos, que são apenas suficientes para satisfazer as necessidades da vida.

Mas também as relações entre os governos aliados e a Alemanha tornaram-se de novo, nestas últimas semanas, das mais críticas, e parece que os reaccionários das duas partes, trabalham com todas as suas forças para provocar uma catástrofe.

RODOLFO ROCKER.

Tribunal de Arbitros Avindores

Para julgamento de diversas causas, reuniu este tribunal, sob a presidência do juiz sr. Humberto Plágo, tendo como árbitros pela pauta patronal, os srs. Teodoro Pombo, Antonio Ribeiro Cardoso e Francisco Vidigal, e pelos operários: José Joaquim de Almeida, Manuel Maria de Sousa e Inácio Marques, tendo resolvido as seguintes petições: Rafael Raimundo Lopes de Carvalho, carpinteiro da construção civil, contra a Companhia Cam.ª de Ferro de Benguela, condenada a pagar 2.135\$15; Francisco Paiva, serralleiro, contra a mesma Companhia, sendo esta absolvida, tendo os árbitros deferido um requerimento da ré em que dava o tribunal por incompetente, tendo a mesma apelado da primeira sentença; Inácio Cardoso, pedreiro, contra Domingos Eusébio da Fonseca, que foi condenado a pagar 1.660\$00.

ECOS DO 1.º DE MAIO

Já se encontra à venda o número especial de «A Batalha»

Já se encontra à venda a nova edição do número extraordinário do 1.º de Maio de A Batalha e bem assim as estampas em cartolina com as categorias daquele número, sendo os seus preços: número extraordinário de A Batalha, \$50; alegorias, \$50 cada. Vão ser satisfeitos todos os pedidos que se fizerem acompanhar das respectivas importâncias, acrescidas do porte de correio que regula \$20 por cada duas estampas.

SOLIDARIEDADE

Pró-Casimiro Firmino

A comissão de auxílio a Casimiro Firmino encontra-se impossibilitada de ocorrer a todas as despesas a que obriga a sua doença, por falta de fundos.

Espera, pois, esta comissão que alguns camaradas se inscrevam na lista semanal que está aberta no Sindicato Unico Mobiliário, travessa Agua de Flor, 16, 1.º, onde se encontra a comissão todos os dias das 20 às 22 horas.

Rendimentos dos operários

Num auto da Cruz Vermelha foi transportado ao hospital de São José, onde, depois de operado no Banco pelos srs. Santos Paiva, Henrique Ruas e Bastos Gonçalves, recolhido à Sala de Observações, Clemente Maia, de 50 anos, carroceiro, natural de Oliveira do Bairro, residente na rua Direita de Marvila, 114 rez-do-choão e que caiu, sendo colhido pela carroça de que era condutor, ficando com o braço esquerdo e perna direita fraturados.

A enfermaria de Sousa Martins do hospital de São José, recolheu Manuel dos Santos Veiga, de 35 anos, natural e residente em Alcochete, descarregador que a bordo do vapor francês «Utília», foi colhido por um balde, ficando muito ferido na cabeça.

HORARIO DE TRABALHO

Empregados dos Hotéis, Restaurantes e Cafés de Coimbra

COIMBRA, 8.—Conforme foi anunciado em A Batalha, realizou-se há dias na Casa dos Trabalhadores desta cidade uma assembleia dos Empregados de Hotéis, Restaurantes e Cafés de Coimbra, para definitivamente se resolver a questão do descanso semanal que alguns patrões relapsos teimam em não querer cumprir.

Pelas 23 horas e meia, estando uma grande maioria da classe e presidido o camarada Henrique dos Santos, foi aberta a sessão. Expostas as últimas demarches da comissão pró descanso semanal, foi resolvido que se esperasse até ao fim desta semana pela realização de outros trabalhos em andamento. Seguidamente, foram nomeados os delegados da classe que hão de proceder à fiscalização do cumprimento da lei.

Entretanto, alguns camaradas apreciando a classificação de «domésticos» a si feita, pelo actual ministro do Trabalho no Regulamento à lei 5516—8 horas de trabalho—protestam indignadamente contra tal «classificação», sendo aprovada uma moção nesse sentido.—C.

Os textéis de Coimbra reclamam o cumprimento do horário

COIMBRA, 9.—Com grande concorrência de operários—homens e mulheres—realizou-se ontem, pelas 18 horas, na Casa dos Trabalhadores, uma reunião do pessoal das fábricas textéis desta cidade para se tratar do cumprimento da lei das 8 horas de trabalho.

Falou em primeiro lugar Adolfo de Freitas, do Comité de P. Confederal, seguindo-se depois Heráclito Correia, da C. G. T., referindo-se ambos ao horário das 8 horas que se torna necessário fazer cumprir—apelando para a união da classe.

Estavam representados o pessoal da fábrica de Malhas, Nunes Vicente e Simas. No final foi nomeada uma comissão para tratar do assunto. Os operários de todas as fábricas textéis devem reunir na sexta-feira, pelas 19 horas, na Casa dos Trabalhadores.—C.

Sindicato da Construção Civil de Santo Tirso

SANTO TIRSO, 8.—A comissão de demarches para o cumprimento das 8 horas de trabalho, avistouse com o delegado do governo, a fim de conhecer a resposta a um ofício dimanado do Sindicato das Quatro Artes da C. C. e Classes Correlativas. O mesmo senhor respondeu-lhe que ia convidar os industriais e comerciantes a reunir na sua sede, para deliberar o caminho a seguir sobre o referido horário. Após esta resolução, convidava os mesmos senhores a avistar-se com a comissão operária para entrarem num acordo.

Segundo o estabelecido na circular por nós enviada aos sindicatos federados e pelo extrato da lei publicada em todos os diários, não é permitido acordo entre o operariado e o capital. Estamos na disposição de não transgredir, por princípio algum a lei. Por causa dos acordos entre operários e patrões, é que a classe têxtil, numerosíssima nesta localidade, se encontra a trabalhar 10 horas, apenas com 1 hora para refeição, e a classe gráfica desta localidade encontra-se com o horário de 9 1/2 horas, tendo para a refeição 1 1/2 horas.

A mesma construção civil vê-se impossibilitada de fazer cumprir o horário de 8 horas.

Por este meio se previnem todos os camaradas que venham trabalhar para esta vila, para que não exerçam mais de 8 horas de trabalho a fim de não serem criadas divergências ou dissabores entre a família operária.—E.

Os comerciantes de Vila Franca de Xira preparam-se para desrespeitar o horário

VILA FRANCA DE XIRA, 7.—Realizou-se ontem nesta vila, nas salas dos Paços do Concelho, uma reunião secreta da Associação Comercial e Industrial desta vila, para apreciação do regulamento à Lei do Horário do Trabalho. As salas dos Paços do Concelho nunca poderiam ser facultadas, fosse a quem fosse, para a realização de uma assembleia que não fosse pública, o que mostra bem o desconhecimento da parte de quem se encontra à frente do Município.

Não admira que tal sucedesse, pois a maioria dos vereadores são comerciantes ou industriais, com interesses ligados, e o Presidente da Comissão Executiva é empregado da casa bancária que nesta vila possui, de sociedade com outros, o presidente da Associação, Comercial e Industrial. Houve quem protestasse, e até foi expulso da sala onde se efectuava a reunião um comerciante que se insurgiu contra o facto de ali estarem sendo apreciados outros assuntos, como fosse ser permitido à Legião Vermelha efectuar reuniões, e aos comerciantes não.

O receio de que anda possuída a classe dos empregados comerciais, que está sendo em risco de lhe ser cerceada a regalia concedida pelo regulamento do Horário do Trabalho. Na reunião em questão foi resolvido procurar o ministro do Trabalho, para conseguir a revogação da lei, e caso não seja o patronato aliado, tomarão a resolução de «abrir» e fecharem às portas a cada um «apelaça», desrespeitando a lei. Não admira que tal suceda, pois a maioria dos assistentes são monárquicos e reaccionários, e portanto interessados em prejudicarem tudo quanto possa reverter em benefício das classes trabalhadoras.—E.

Na Companhia União Fabril

Na Companhia União Fabril está-se fazendo um perfeito logo malabar com o horário de trabalho—habituadamente executado com auxílio das subvenções.

De há muito que os operários daquela companhia trabalhavam 10 horas entre os quais os pin-ores em número de 17. Sucede porém que apoia a promulgação do regulamento à lei do horário do trabalho, 13 daqueles operários resolveram trabalhar só 8 horas dando-se a coincidência de na mesma ocasião a companhia resolver respeitar o regulamento.

Não obstante na passada segunda-feira resolveu a companhia convidar o pessoal a trabalhar, a bordo, as dez horas o que foi inconscientemente aceite por 14 dos pintores e por todos os profissionais do «picaço», que nunca deixaram de trabalhar 10 horas, em completo prejuizo dos restan-

Contra uma iniquidade

Terminou ontem a greve geral do operariado de Setúbal com a garantia de que será sóto o militante João Maria Major

O operariado de Setúbal regista no seu activo, quando este jornal circular, mais uma vitória! A greve geral proclamada, na passada segunda-feira contra as deportações e em defesa da liberdade de João Maria Major, redactor da Voz Sindical, teve ontem o seu fim. Terminou com vitória, conseguida com a libertação daquele operário. O director da P. S. E. assim o garantiu. «Logo que termine a greve Major será sóto. Terá que responder apenas por delito de imprensa, em virtude dum artigo publicado na Voz Sindical». Foram estas as declarações que o sr. Teófilo dos Santos fez à comissão da U. S. O. de Setúbal que acompanhada pelo Conselho Jurídico da C. G. T. ontem o procurou.

E em face dessa promessa, a referida comissão regressou a Setúbal onde, numa importante reunião dos grevistas efectuada na Associação dos Marítimos, deu conta das suas «demarches». A numerosa assistência, não querendo por qualquer forma dar ensejo a que sobre ela fosse assacada a responsabilidade da continuação do movimento, aceitou a promessa. Confiou que o director da P. S. E. saberia respeitar a sua palavra. Por essa razão resolveu dar por terminado o movimento, com a aprovação dos seguintes documentos:

«Propoño que em face de ter sido garantido por quem de direito à comissão da U. S. O. que o camarada Major será posto em liberdade, resolva a volta ao trabalho, deixando à U. S. O. o encargo de tratar da liberdade de Major e velar por que seja cumprida a dita promessa».

A U. S. O. Setúbal, ao dar como terminado o movimento saúde as classes aderentes e não aderentes a este organismo pela sua espontânea solidariedade para com o deportados nosso camarada João Maria Major, redactor da Voz Sindical. Do mesmo modo saiu o Conselho Jurídico da C. G. T. pela forma dedicada como acompanhando as demarches sobre o grandioso movimento declarado por esta União.—U. S. O.

Vão as classes operárias de Setúbal regressar ao trabalho. O seu movimento foi bastante significativo e por ele poderá o governo avaliar como o seu gesto dos deportados foi encarado.

Não lhe chegarão todas estas provas para emendar o erro?

A imprensa republicana perante a greve

O Diário do Povo, no seu número de ontem, a propósito da prisão de João Maria Major e da greve de Setúbal, dedicava ao assunto as linhas que seguem:

«Continua a ferros desta República, no calabouço 6 do Governo Civil, o director do órgão operário de Setúbal, sr. João Maria Major. Só ontem à tarde foi interrogado, sendo acusado de publicar no seu jornal um artigo intitulado «República de cafres e de ladrões, que a polícia considerou subversivo. Ora por delito de imprensa ninguém pode ser preso, por haver uma legislação especial que regula o assunto. Portanto, é uma violência que se está cometendo contra esse homem, violência contra a qual continuamos a protestar».

Por estarem soltos

Ontem às primeiras horas do dia a polícia prendeu em suas casas, rua Maria Pia, José da Silva, Manuel Vieira e mais quatro operários. Seguiram em camionete para a prisão desconhecido.

No estabelecimento onde se encontrava trabalhando foi ontem preso o manipu-

A SAIR POR ESTES DIAS

7.ª Série

DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

Obra mais barata que no género se publica

tes operários, que nestas condições correm o risco de mais dia menos dia, serem despedidos. Bom será que todos se convençam de que o mal que afecta os trabalhadores é devido aos próprios que não têm a consciência dos seus mais rudimentares deveres.

Empregados no Comércio

A direcção da Associação da Classe dos Caixeiros de Lisboa avistouse com o sr. ministro do Trabalho, a quem fez entrega dum representação reitmando as reclamações formuladas pela Associação dos Logistas de Lisboa acerca do decreto 10.762 que regulamentou a lei das 8 horas de trabalho. O ministro mostrou-se concorde com as alegações feitas pela Associação dos Caixeiros, achando conveniente que esta Associação comunicasse aos empregados no comércio que, de harmonia com o artigo 1.º do decreto 10.762, «o trabalho nos estabelecimentos comerciais não começará antes das nove horas nem poderá continuar depois das dez horas, com uma folga de duas horas, não podendo o trabalho consecutivo ser superior a 5 horas».

Companhia União Fabril

Reuniu ontem na sede do sindicato metalúrgico o pessoal da Companhia União Fabril para apreciar a forma como está sendo mantido o horário de trabalho e as subvenções daquela casa.

Resolveu nomear uma comissão para tratar do assunto afim de manter o respeito pelo horário.

Secção Telegráfica

C. G. T.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Cercal do Alentejo.—O dr. Sobral de Campos só se encontra às sextas-feiras, depois das 21 horas. De dia pode ser procurado no Asilo de Mendicidade, até às 17 horas.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação de Calçado, Couros e Peles.—Reuniu a Comissão Administrativa que apreciou o expediente que constava de ofícios de: Sindicato da Povoia de Vaz, Abrantes, S. U. do Porto e Comité de Propaganda Federal ao qual já tinha sido dado despacho, excepto o do Sindicato do Porto, por causa da não comparencia do secretário administrativo, que, a-pesar-dos convites que lhe têm sido feitos, continua a não comparecer.

Resolveu convocar o conselho federal para o próximo dia 17, reunindo novamente a comissão administrativa amanhã.

Operários Alfaiates.—Reuniu ontem a comissão escolar, juntamente com os alunos da aula de corte a fim de ultimar os trabalhos para o exame que se realiza no próximo domingo, pelas 13 horas.

CONVOCAÇÕES

Reunem hoje: Federação Mobiliária.—Comissão Administrativa.—A's 17,30 horas, com a comparencia do secretário administrativo.

Condutores de Carroças.—Para tratar de um assunto da máxima importância a comissão administrativa, pelas 21 horas.

Sindicato da Construção Civil.—Conselho Técnico.—A's 20,30 horas, a Comissão Administrativa.

DIAS PRÓXIMOS:

Manufacturas de Calçado.—Reúne amanhã, às 21 horas, a comissão revisora de contas do 2.º semestre do ano findo com a presença do tesoureiro e do secretário administrativo.

S. U. Mobiliário.—Reúne na próxima terça-feira, pelas 20,30 horas, a assembleia geral.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Sindicato das Artes Gráficas de Coimbra.—Reúne no próximo domingo, pelas 11 horas, na Casa dos Trabalhadores, a classe gráfica para tratar da situação em que se encontra o Sindicato. Assiste à reunião um delegado do Conselho Inter-Federal do Norte.

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, \$4\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de colecções, ou envio directos para encadernação, à administração de A Batalha

PROPAGANDA SINDICAL

Uma sessão em Messines

MESSINES, 8.—Realizou-se no passado domingo uma sessão pública de propaganda sindical, à qual assistiram delegados da C. G. T. e F. C. C.

António Pedro Lebre fala sobre o horário de trabalho e no desprêso a que os trabalhadores têm votado essa tão cara regalia. Raúl Duarte analisa um artigo publicado num jornal da localidade, que não prima pela exactidão.

O delegado da C. G. T. fala sobre o sindicalismo e a religião, cuja perniciosa influência analisa.—E.

O SINDICALISMO EM MARCHA

O Sindicato dos empregados de Hotéis de Coimbra vão dar a sua adesão à C. G. T.

COIMBRA, 9.—Na reunião de empregados de hotéis e restaurantes de que outro lugar nós fazemos eco, Adolfo de Freitas, para justificar a adesão do organismo referido à C. G. T. faz uma palestra sobre sindicalismo.

«Depois de salientar que o homem absolutamente isolado dos seus companheiros nada consegue por ter de enfrentar uma força grande a destruir, que é a sociedade burguesa—refere-se à união de todos os trabalhadores organizando as associações de classe, os sindicatos, para a sua defesa no campo económico e social. Porém, essa manifestação não basta. É preciso que os trabalhadores de todas as indústrias e especialidades congreguem esforços, unindo-se, caminhando no seu desideratum: a instituição da sociedade operária.

Finalmente, refere-se à marcha da organização sindicalista, que os empregados de Hotéis, Restaurantes e Cafés de Coimbra devem fortalecer, apelando para que o sindicato ingresse na Confederal Geral do Trabalho.

Falam depois vários camaradas sobre a necessidade de de facto se dar adesão à C. G. T., sendo aprovada em princípio essa adesão.

A classe deve reunir breve para se pronunciar definitivamente.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Os delegados deste organismo procuraram ontem o ministro do Trabalho, a fim de tratarem de assuntos respeitantes a crise de trabalho e à lei dos acidentes no trabalho. Como não fosse encontrado, ficou marcada para hoje nova entrevista.

Os mesmos delegados contam entrevistar hoje o dr. Bomjardim, presidente da Junta Autónoma das Obras da Maternidade, para saberem quando reabrem esses trabalhos.

Também os mesmos delegados vão amanhã tentar entrevistar o chefe da Secção dos Edifícios Públicos em virtude do apontador das obras do Palácio de Sintra estar admitindo pessoal prejudicando assim os operários que estão inscritos no sindicato.